



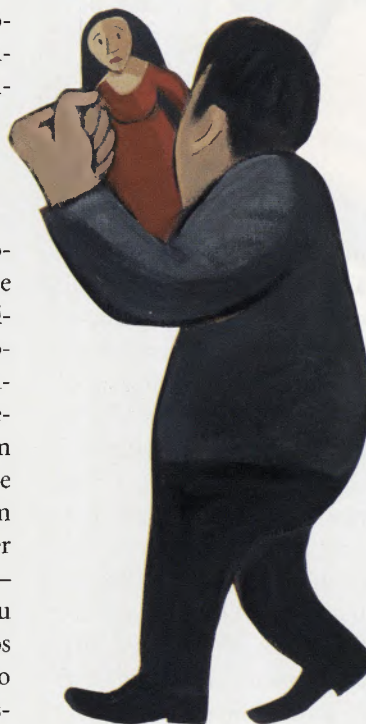
Laboratório
Brasil

■ **Cresce a espera por transplantes**

O Brasil conta com um dos maiores programas públicos de transplantes do mundo, com cerca de 8.500 transplantes por ano, mas os prazos de espera ainda são longos, concluiu Alexandre Marinho, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O tempo mínimo de espera é de 1,6 ano para coração e o máximo, de 11 anos para rim. Em um estudo publicado nos *Cadernos de Saúde Pública*, Marinho examina a situação nacional dos últimos anos e concluiu: “Se a taxa de chegada de candidatos a transplantes aumentar, mesmo em pequena proporção, os tempos de espera na fila sofrerão elevações dramáticas”. A prevenção e o controle de doenças crônicas como hipertensão e diabetes poderiam ajudar a reduzir a necessidade de receber um órgão transplantado. •

Entre tapas e humilhações

A violência física, psicológica e sexual contra as mulheres ainda é alta e invisível, concluíram pesquisadores da USP em Ribeirão Preto. André Marinheiro, Elisabeth Vieira e Luiz de Souza procuraram 564 mulheres que haviam passado por atendimento clínico ou ginecológico em um centro de saúde de Ribeirão Preto, interior paulista, e conseguiram entrevistar 265, com idade entre 18 e 49 anos. Uma em cada quatro contou já ter sofrido violência física – empurrão, chute, soco ou surra –, sendo que 40% dos episódios haviam ocorrido no ano anterior à entrevista. Quase metade relatou ter sido vítima de violência



psicológica (insultos, humilhações ou ameaças) e 10% disseram que foram forçadas a praticar sexo, por intimidação ou de forma degradante. Os fatores de risco mais comuns são o uso de drogas pelo companheiro, o nível de escolaridade e a condição socioeconômica. Para os pesquisadores, esses problemas permanecem invisíveis para a rede pública de saúde, já que o registro de casos de violência é menor que o observado. As mulheres nem sempre vêem a violência de que são vítimas: quase metade contou já ter passado por alguma forma de violência, mas só 22% reconheceram o ocorrido como violência. •

■ **Mais soja e calor na Amazônia**

A abertura acelerada de áreas para o plantio da soja tem ampliado rapidamente o desmatamento e alterado a capacidade da Amazônia em reter dióxido de carbono de modo intenso a ponto de afetar o clima regional, que se tornou mais seco e quente, de acordo com análises de pesquisadores da Nasa, com base em imagens de satélite. Essa situação é mais nítida no estado de Mato

Grosso, onde as plantações elevam em três graus a temperatura média regional à medida que ocupam mais espaço, avançando sobre a floresta em um ritmo ditado pela variação dos preços da soja no mercado internacional. Por meio de dois estudos, um deles publicado no mês passado na revista *PNAS* e outro a sair na *Earth Interactions*, os pesquisadores concluíram que as plantações são um dos meios menos eficientes de absorver carbono da atmosfera. •

■ **Quando a morte é um bom sinal**

De repente apareceu um tamanduá andando pelos arredores da cidade de Assis, oeste paulista. Foi atropelado ao cruzar uma rodovia. Virou motivo para conversa, mas sua morte não deve ser apenas lamentada, porque é um sinal da recuperação das matas nativas, especialmente do Cerrado. Como agora é proibido por lei pôr fogo na vegetação, as matas que sobrevivem em



meio às plantações e pastagens podem engordar e às vezes se transformar bastante. As formas campestres do Cerrado – o campo sujo e o campo cerrado, que lembram um pasto maltratado – tendem a desaparecer ou limitar-se a áreas pequenas, porque, deixadas em paz, dão espaço para vegetações mais encorpadas, como o

ser intenso a ponto de levar também ao desaparecimento de algumas espécies de plantas do Cerrado, em especial as que necessitam de mais luz (o Cerradão é mais escuro e mais úmido que o Cerrado). É possível prever que, com mais vegetação, apareçam mais animais. Motoristas, atenção. •

■ Gorduras rebeldes

Só tomar remédios não basta para reduzir e manter baixos os níveis de colesterol no sangue. É preciso também controlar com mais frequência as taxas de gordura no sangue e, quando necessário, ajustar a medicação, concluiu um estudo coordenado por Rodrigo Moreira, do Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia, do Rio de Janeiro. A análise de 412 prontuários em quatro centros de atendimento (um no Rio, dois em São Paulo e outro em Caracas, Venezuela) mostrou que, mesmo no grupo de 158 pessoas que tomavam estatinas, os medicamentos mais indicados nessas situações, as médias do colesterol total e triglicérides estavam acima dos limites capazes de evitar o entupimento dos vasos sanguíneos e o infarto. Uma das hipóteses levantadas é que o baixo nível socioeconômico dificulte o controle adequado dos lipídeos, mesmo que mais da metade das pessoas avaliadas receba a medicação gratuitamente. •



próprio Cerrado e o Cerradão, mais denso. Em um estudo publicado no *Edinburgh Journal of Botany*, Giselda Durigan, do Instituto Florestal, e James Alexander Ratter, do Jardim Botânico de Edimburgo, atestaram essa mudança comparando fotos aéreas e imagens de satélite da região de Assis nos últimos 40 anos. Outros estudos realizados em São Paulo indicam que o Cerradão poderá predominar como resultado desse adensamento da vegetação, que pode

A cronista da ilha

“Eu queria ver o mundo com olhos de Ícaro”, escreveu a bióloga Alpina Begossi em seu caderno em setembro de 1986, na primeira vez que foi à Ilha de Búzios, no litoral norte de São Paulo. Em dois anos ela ocupou com suas observações cinco cadernos contando outras 15 viagens de campo, que resultaram no livro *Os diários de campo da Ilha de Búzios* (Ed. Hucitec), assinado por ela e Eduardo Camargo, tenente-coronel da Polícia Militar do Rio que participa

com Alpina de pesquisas na Amazônia e na Mata Atlântica. Os relatos mostram que essa pesquisadora do Museu de História Natural da Unicamp, além de estudar a ecologia da ilha, soube ouvir o que os pescadores tinham a mostrar e contar sobre pescarias, peixes – enfim, a vida na ilha. *Os diários* mostram como ver o novo sem preconceitos e como colher informações sobre o dia-a-dia sem se preocupar só com o que vai entrar nos relatórios científicos. •

■ Os sedimentos do rio Tietê

Durante quatro anos as equipes coordenadas de Antonio Mozeto, da Universidade Federal de São Carlos, Wilson Jardim, da Universidade Estadual de Campinas, e de Gi-

sela Umbuzeiro, da Cetesb, coletaram amostras de sedimentos de todo o rio Tietê, da cabeceira, na região de Salesópolis, à foz, no rio Paraná. A análise físico-química e biológica dos metais e compostos orgânicos dessas amostras possibilitou a criação de um sistema de avaliação da qualidade de sedimentos e estabeleceu valores que devem servir de padrão para os órgãos ambientais brasileiros. O resultado da pesquisa está no livro *Métodos de coletas, análises físico-químicas e ensaios biológicos e ecotoxicológicos de sedimentos de água doce* (224 páginas, R\$ 73,50, Editora Cubo Multimídia, www.editoracubo.com.br, 16-3307-3828). •

